

Comentário

Viola afinada

EUSTÁQUIO GOMES
eusta@unicamp.br

Vivemos uma época em que a notícia cultural é sobretudo urbana e predominantemente internacionalista. O campo aparece quase tão somente como o cenário do conflito agrário. Nesse quadro, tão inevitável quanto o avanço da história, as vastas reservas culturais do interior do país estão sob risco contínuo de soterramento e sufocação.

A música é um dos poucos produtos culturais em que, no jogo assimétrico do mercado, o nacional sobrepuja o internacional. Contribuiu fortemente para isso a chamada música rural, que nas últimas décadas se transformou técnica e tematicamente na esteira do êxodo rural e das exigências do mercado fonográfico, mas sem perder sua força e vitalidade – tal como acontecera, antes, com o *country* americano.

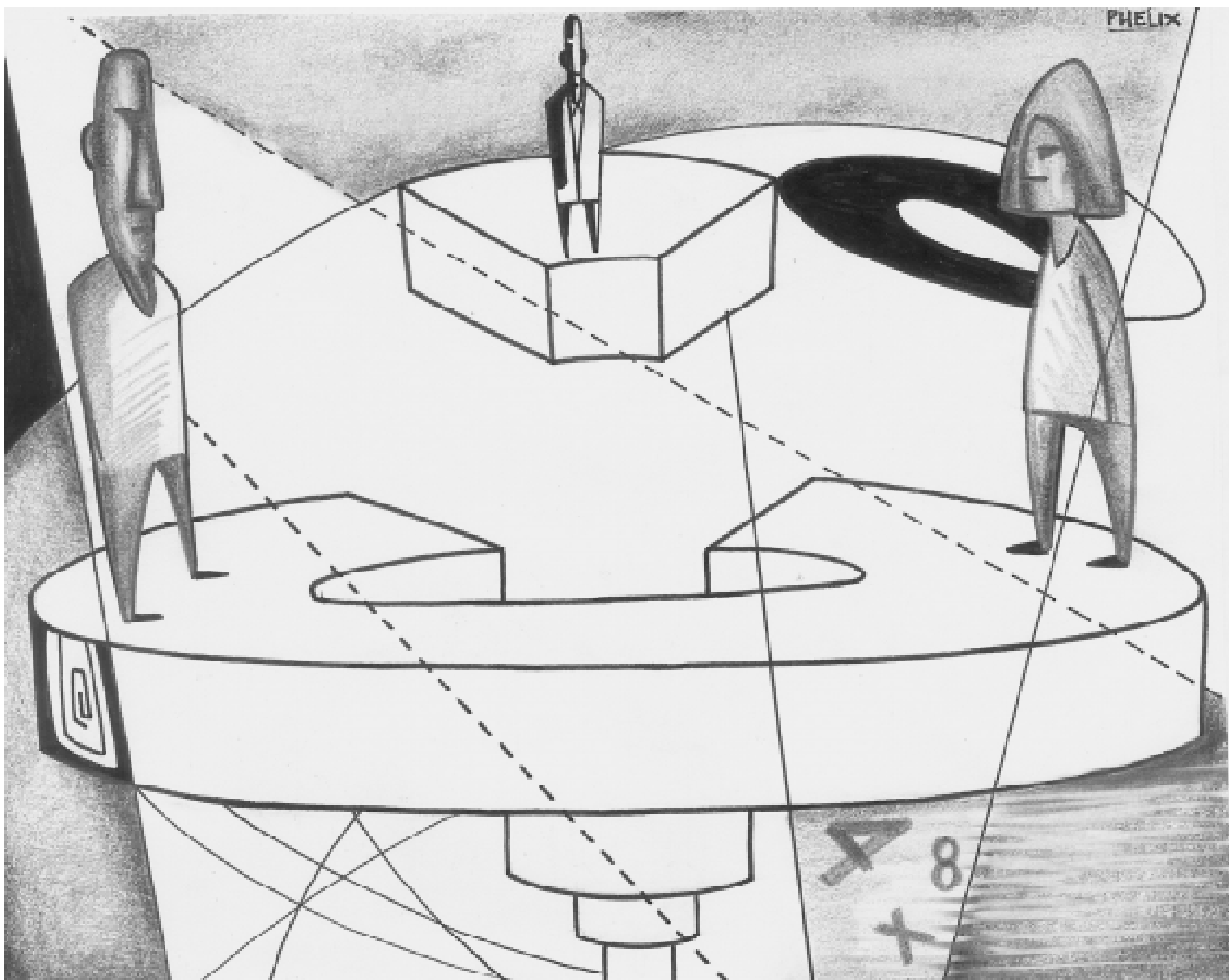
O interesse da universidade pela música sertaneja não é novo. O professor José Roberto Zan, um estudioso do assunto, lembra que já em 1910 o Mackenzie promovia espetáculos de catireiros e cururueiros. O preconceito contra a viola veio depois, no bojo “da inserção do país numa conjuntura internacional em que se verifica o aprofundamento da internacionalização do capitalismo”, como observa Zan, mas que surpreendentemente não triunfou sobre a força do fenômeno cultural, que demonstrou ser resistente o bastante para sobreviver e até impor-se em mais de uma circunstância.

Mesmo a aproximação da música nativa do pop internacional, que parecia ser a “rendição definitiva” da cultura rural, teve seu contraponto natural e espontâneo no surgimento de uma plêiade de cantores, compositores, instrumentistas e estudiosos – alguns deles dentro das universidades – que fizeram o percurso contrário e voltaram às velhas raízes com um refinamento que foi além da cultura do resgate e ganhou status de recriação e reelaboração. E eis a música sertaneja como um dos elementos da identidade nacional que não se deixou abater, e que, em vez de enfraquecer, ganhou força.

Acerca deste assunto e de suas ramificações no campo da cultura, da sociologia e até da política, a entrevista do professor Zan nesta edição é tão interessante quanto instrutiva.

Artigo

Multidisciplinaridade – pesquisa e pós-graduação



EDUARDO GUIMARÃES

Os assuntos que a sociedade contemporânea tem apresentado para a agenda dos cientistas desafiam cada vez mais a capacidade da ciência em produzir conhecimentos diversos e ao mesmo tempo relacioná-los. Isto toma contornos até espetaculares quando se trata de inovação tecnológica.

Por outro lado, a prática científica atualmente tem apresentado, cada vez mais, a necessidade de desenvolvimento de projetos por equipes articuladas em redes e cujos pesquisadores dedicam-se a diferentes disciplinas. Estas novas articulações reúnem pesquisadores qualificados em torno de temas historicamente relevantes para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. E sabemos o quanto isso é decisivo para o futuro do Brasil e das condições sociais do povo brasileiro.

Para a prática científica hoje é decisivo, então, que as instituições ampliem a operacionalidade das relações multidisciplinares.

O desenvolvimento adequado da prática científica interdisciplinar exige pessoas qualificadas na prática científica, bem formadas e que não confundam as relações interdisciplinares com misturas teóricas e metodológicas. É preciso garantir sempre as condições de excelência nas diversas áreas disciplinares envolvidas. A Universidade precisa de um lado manter a especificidade dos domínios de conhecimento em que atua e de outro desenvolver estruturas institucionais que propiciem condições para que os pesquisadores de áreas limítrofes possam ter relações efetivas, criativas e duradouras, que sejam capazes de criar novos projetos.

A Universidade brasileira se caracteriza por ser uma instituição de ensino e pesquisa. E esta relação tem na pós-graduação um lugar particular de articulação. Deste modo, o estabelecimento de condições institucionais para o desenvolvimento qualificado de programas multidisciplinares de pós-graduação é uma importante condição para o aprofundamento consequente deste caminho já iniciado pela Unicamp, para que ela, mais uma vez, seja

modelar para outras instituições brasileiras e estrangeiras.

Por esta via é possível estabelecer procedimentos que permitam o aprofundamento da articulação de experiências de pesquisas interdisciplinares que já se fazem na Unicamp com seu sistema de pós-graduação.

Deste modo a Universidade disporá, ao mesmo tempo, de estruturas que mantenham a especificidade dos domínios de saber, e de procedimentos que os coloquem em contato. Este caminho será capaz de propiciar uma solução nova, no mundo da ciência e da tecnologia, para a convivência entre as diversas áreas das Ciências. E neste espaço, e isto é para mim decisivo, o desdobramento do conhecimento científico em tecnologia não se dará como um lugar de oposição entre o domínio do humano e da natureza.

A Unicamp já vem desenvolvendo, neste espaço de relações, pesquisas inovadoras sobre genoma; linguagem, mídia e cidade; neurociências, estudos sobre petróleo, energia, população e ambiente, lógica e história da ciência, arte e ciência, dentre tantas outras. Estas experiências vêm se desenvolvendo na Universidade através de diversos grupos que, com frequência, envolvem o sistema dos Centros e Núcleos Interdisciplinares da Unicamp.

A prática Multidisciplinar que se faça de acordo com a flexibilidade de relações próprias a ela, permite que se desenvolvam relações não só entre diversas unidades da Unicamp, mas ainda, e não menos importante, entre a Unicamp e outras instituições nacionais e estrangeiras. Isto abrirá, por outro lado, novas formas de relação do trabalho desenvolvido na Unicamp com os agentes de fomento brasileiros e internacionais (como sabemos, a Capes já estabeleceu um comitê multidisciplinar). Além disso, tal organização permite, inclusive, que a atual e futura produção de pesquisa dos Centros e Núcleos contribua para a configuração de novos formatos institucionais e de prática de pesquisa.

Uma organização com estas características permite projetar para a política científica brasileira mudanças significativas que aprofun-

dem compromissos teóricos que saibam que a produção de conhecimento não pode desconhecer, como nos diz Hobsbawn, suas consequências.

É com esta perspectiva que, por exemplo, a Cocen tem procurado estimular a articulação, no conjunto dos Centros e Núcleos da Unicamp, projetos de pesquisa que envolvam necessariamente diversos campos disciplinares do conhecimento científico e tecnológico, de modo a favorecer o objetivo fundamental destes órgãos da Unicamp: desenvolver projetos de pesquisa interdisciplinares.

O desenvolvimento adequado, na instituição, da multidisciplinaridade, articulando as pesquisas existentes ao sistema de pós-graduação, possibilita criar e facilitar procedimentos de aproximação entre as atividades: dos pesquisadores das diversas unidades de ensino e de pesquisa; dos pesquisadores dos núcleos e centros interdisciplinares; dos pesquisadores das unidades e dos centros e núcleos; dos pesquisadores da Unicamp com os de outras instituições brasileiras e estrangeiras.

O aprofundamento destas relações multidisciplinares entre pesquisa e pós-graduação na Unicamp abre novos espaços de experiência para pós-doutorandos e para, pela iniciação científica, a formação de um novo cientista, com perguntas e desafios contemporâneos.

O desenvolvimento de condições para a criação adequada de programas de pós-graduação multidisciplinares permite estabelecer uma forma acadêmica capaz de produzir articulações novas entre os domínios de saber aos quais as diversas unidades de ensino e pesquisa e os centros e núcleos interdisciplinares se dedicam, proporcionando, inclusive, novas formulações a propósito da realidade brasileira e internacional. Isto estimula a produção de conhecimentos e tecnologias capazes de projetar novas soluções para o enfrentamento de problemas e condições próprias da vida brasileira.

Eduardo Guimarães é professor do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e coordenador da Cocen (Coordenadoria de Centros e Núcleos Interdisciplinares de Pesquisa)

UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz. Vice-reitor José Tadeu Jorge.
Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário Paulo Eduardo Moreira Rodrigues da Silva.
Pró-reitor de Extensão e Assuntos Comunitários Rubens Maciel Filho.
Pró-reitor de Pesquisa Fernando Ferreira Costa.
Pró-reitor de Pós-Graduação Daniel Hogan. Pró-reitor de Graduação José Luiz Boldrini.

Jornal da Unicamp

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade semanal. **Correspondência e sugestões** Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. **Telefones** (0xx19) 3788-5108, 3788-5109, 3788-5111. **Fax** (0xx19) 3788-5133. **Homepage** <http://www.unicamp.br/imprensa>. **E-mail** imprensa@unicamp.br. **Coordenador de imprensa** Eustáquio Gomes. **Chefe de Imprensa** Clayton Levy. **Editor** Alvaro Kassab. **Redatores** Antonio Roberto Fava, Isabel Gardenal, Luiz Sugimoto, Manuel Alves Filho, Maria Alice da Cruz, Nadir Peinado, Raquel do Carmo Santos, Roberto Costa e Ronei Thezolin. **Fotografia** Antoninho Perri, Neldo Cantanti. **Edição de Arte** Oséas de Magalhães. **Diagramação** Andre Luis Amarantes Pedro, Luis Paulo Silva. **Ilustração** Félix. **Arquivo** Antonio Scarpineti. **Serviços Técnicos** Dulcinéia B. de Souza e Edison Lara de Almeida. **Impressão** Prisma Printer Gráfica e Editora Ltda (19) Fone/Fax: 3229-7171. **Publicidade** JCPR Publicidade e Propaganda: (0xx19) 3295-7569. Assine o jornal on line: www.unicamp.br/assineju